



Uma doença que começa no bolso e atinge todo o organismo está acabando com a saúde dos brasileiros

# Síndrome da infelicidade adquirida

VALÉRIA BLANC,  
CILENE PEREIRA e  
CARI RODRIGUES

O estresse que pode levar ao enfarte e o alcoolismo que pode levar ao psiquiatra; manchas esbranquiçadas que surgem na pele e bolhas que estouram nas mãos e pés suados dos mais vulneráveis às tensões; asma, impotência sexual, alergias, dermatite e até a queda de cabelos são sintomas da falta de dinheiro — a “doença” que está deprimindo milhões de brasileiros e só não enriquece os médicos por motivos óbvios. O vírus do desespero debilita o organismo de pessoas que, em meio aos malabarismos financeiros para fechar o ano, recorrem às orações e se entopem de tranquilizantes. O próprio presidente já avisou que 1992 ainda não será um bom ano. E o Natal, nem se fala: para a economista Maria da Conceição Tavares, será o pior desde os tempos em que dom Pedro II usava calça curta.

— As pessoas estão como um barco sem leme, sem ter onde se agarrar e diminuem a agressividade com dopantes que só levam à dependência química — analisa a psicóloga Iole Faccioni, da Central de Atendimento Psiquiátrico, órgão da secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul.

— Não é um dado científico, mas dá para observar que está crescendo o número de doenças ligadas ao estresse consequente da recessão — afirma o alergista e imunologista Hélio Schainberg, de São Paulo.

A recessão virou piada médica. Os psiquiatras estão perdendo clientes para outros especialistas: gastroenterologistas, cardiologistas, dermatologistas etc.

— Em vez de gritar e quebrar o que tem dentro de casa, o que só traria mais despesas, a pessoa somatiza as preocupações — flagra um processo de doença — explica o dermatologista Abel Schwartz, da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Mais de 120 pacientes são atendidos por dia no ambulatório de dermatologia e numa imensa fila da semana passada estava Caetano da Silva, 59 anos, vítima de Alopecia areata. Em apenas 20 dias, uma clareira abriu-se em seu couro cabeludo. Os endividados já não precisam arrancar os cabelos de raiva. Caetano soma e somatiza. Soma os proventos de aposentado ao salário de peão de obras e chega ao fim do mês com menos de Cr\$ 80 mil. Como o dinheiro não dá, ele somatiza os problemas e está ficando careca. Para se controlar, toma o calmante Maracujina. Muita tristeza no olhar, conta que não pode dar presentes aos netos no Natal.

— Me preocupo com o meu trabalho, que é muito cansativo, com o preço da passagem e a falta de dinheiro em casa — diz ele, que atribui a “fraqueza” que sente à idade e ao cansaço.

Uma confirmação de que as doenças dermatológicas estão diretamente relacionadas com a tensão é a psoríase. As placas escamosas esbranquiçadas são típicas do inverno e têm se mani-



“A Melancolia”, segundo Jacob de Gheyn II, é a ilustração da capa do livro “Perto das trevas”, em que William Styron conta como curou sua depressão

festado com frequência anormal nesse fim de primavera.

Aos 32 anos, o arquiteto N.M., casado com a professora R.L.M., de 28 anos, vive o drama da impotência sexual. Ele acha até graça quando fala do problema:

— Como ter prazer no sexo se vou vender o carro para pagar contas atrasadas e manter as crianças na escola particular?

Quando se casaram há seis anos, eles sonhavam com uma casa ampla para criar os filhos — nasceram dois — sem preocupações. Mas foram atropelados por um desesperado confronto com carneiros a pagar, necessidades materiais das crianças e dos pais aposentados. O romantismo dos primeiros anos desapareceu.

Professora de uma escola estadual em Porto Alegre, R. ganha Cr\$ 56 mil mensais e, apesar da pouca idade, já tem rugas na testa. N., cabelos escuros ralos, já começa a engordar, pois não pode mais pagar as mensalidades do clube onde jogava futebol com os amigos e nadava.

O casal procura no tratamento psicoterapêutico soluções não só para a falta de ereção, mas também para a falta de carinho.

— Impotência é incapacidade de poder. O casal, diante da derrocada financeira, registra um distanciamento progressivo e uma abolição do desejo. Como se o único valor a ser perseguido fosse a sobrevivência — confir-

ma o psiquiatra e psicoterapeuta Paulo Renato Lino Rodrigues.

A paulista Marisa — não deu o sobrenome — vivia um círculo vicioso: problemas financeiros, medo do desemprego, crises de asma diárias e remédios caros. Isso foi há dois anos. Hoje aposentada, Marisa, de 38 anos, ainda tem crises, mas não tão graves como as que a levaram a se internar por vários períodos. Depois de perambular por dezenas de consultórios, ela encontrou tratamento adequado. Casada, um filho, tenta reestruturar a vida e buscar um equilíbrio emocional fundamental para que a asma não se manifeste com a violência de antigamente.

O alergista Hélio Schainberg, que atende Marisa, viu crescer nos últimos dois anos os casos de asma e urticária.

— Os pacientes ficam ansiosos, respiram mais rapidamente e a troca de temperatura entre o ar do ambiente e o ar do organismo fica mais difícil de ser feita. Nessas situações, acontecem as crises de asma — diz ele.

Marisa culpa também a situação nacional:

— Num país assim, não dá para ficar alheia às dificuldades que contribuem para que minha asma apareça. O baixo astral é total, mas não posso esperar que o Marcílio resolva tudo. Para diminuir minhas crises, tenho que acreditar em mim mesma.

## Rico tem depressão. Pobre vive nervoso

Depressão, S. f., está no dicionário. Mas nem todo mundo tem um em casa. No ambulatório médico, os pacientes mais humildes reclamam de apertos no peito, do coração que bate rápido demais, da falta de sono, dos filhos, da mulher, do marido. Paulo Roberto Diefenthaler, médico-chefe da Central de Atendimento Psiquiátrico de Porto Alegre, admite que ali se faz um atendimento mais medicamentoso: não há tempo para psicoterapia no serviço público.

Por dia, entre 350 e 400 pessoas passam pela central, muitas vindas do interior gaúcho para padecer em longas filas e ficar alguns minutos na cadeira em frente à do doutor. Os 32 médicos não podem dispensar mais atenção às pessoas simples e de pouca conversa que resumem seus sintomas numa frase: “Eu sofro dos nervos, doutor”. Nas conversas mais longas, reclamam dos preços do ônibus e da comida. Como não têm dinheiro, levam remédios da Ceme, gratuitos.

Um dia desses, Ana Maria Coelho de Quadros, 42 anos, acordou às 4h da manhã e só encontrou embalagens vazias na mesa de cabeceira. Ansiosa, viajou uma hora e meia, de ônibus, de Novo Hamburgo a Porto Alegre. A “doença” de Ana Maria é de fácil diagnóstico: o marido é pedreiro e o filho de 19 anos parou de estudar para ajudar nas despesas. Dois salários-mínimos para sustentar quatro pessoas.

— Sinto coisas gozadas. Parece que vou morrer sufocada. O que vai ser da minha filha?

Clair, 12 anos, está na 6ª série do 1º grau e Ana não sabe se ela poderá continuar frequentando a escola em 92: o ônibus custa Cr\$ 520, ida e de volta, o dinheiro do pão.

Industriária “encostada no Inamps”, Ana treme, fala muito devagar e esquece até nome de parente. Para amenizar os distúrbios psicossomáticos, toma Diazepam. Para prevenir convulsões, Tegretol 200. As vezes também o ansiolítico Lexotan, para dormir.

— A angústia se democratizou e a única saída são as pílulas, que, infelizmente, não fazem mágica — diz o médico-chefe da central.

## Preocupação com dinheiro dá enfarte

O coração tem razões que só a crise econômica conhece a fundo. No Instituto Dante Pazeneze, em São Paulo, os números de atendimentos a enfartados revelam quanto a recessão ajudou a desregular as batidas cardíacas dos paulistanos. Entre agosto e novembro do ano passado, 57 pessoas foram socorridas na UTI do instituto. Este ano, no mesmo período, foram 107 pacientes.

— A impressão é que houve um aumento significativo de doenças que se agravam com o estresse, como o enfarte. A crise deixa as pessoas ainda mais nervosas — afirma o clínico-chefe, cardiologista Nabil Gorayeb.

O estresse agrava o risco de enfarte porque eleva os níveis de adrenalina. Apesar de ter a função de “avisar” o organismo quando algo está errado, a adrenalina acaba também diminuindo o calibre dos vasos sanguíneos. Interrompida a circulação, o sangue tem dificuldades para chegar ao coração e, sem irrigação, o músculo começa a necrosar, promovendo o enfarte.

— Nos indivíduos com predisposição ao enfarte, o aumento da adrenalina é um agravante perigoso — explica o dr. Gorayeb.

É preciso dobrar os cuidados nas situações de estresse, adverte o cirurgião-chefe do Hospital Universitário da UFRJ, Eduardo Bastos. O alerta serve para todos os que estão no grupo de risco natural de enfartes: pessoas com histórico de doenças coronarianas na família, os fumantes e os que têm problema de obesidade. No caso das mulheres, as fumantes que usam anticoncepcionais.

— Há dez anos, operávamos cinco vezes mais homens do que mulheres. Atualmente, com o aumento da competitividade entre homens e mulheres na sociedade, a proporção é igual.

## O que é recessão? Pergunte ao vizinho

Recessão é quando o mercado diminui e a produção declina. O que é produzido é idêntico à renda. Quando o Produto Interno Bruto cai, o país como um todo empobrece.

Quando a recessão se agrava, muda de nome: é a depressão, como a dos anos 20. Nos Estados Unidos, naquela época, em cada quatro pessoas, uma estava desempregada. Diz-se que recessão é quando o seu vizinho perde o emprego, e depressão quando você perde o emprego.

A recessão costuma baixar os preços porque a renda diminui e não há mercado para absorver os produtos. Mas há casos em que, mesmo durante a recessão, os preços sobem. É que a inflação decorre basicamente de um problema monetário. Se o Governo emite mais moeda do que deveria, esse excedente disputará no mercado a mesma quantidade de produtos e serviços oferecidos. O desequilíbrio acabará ocasionando alta nos preços. Tem-se então a estagnação — a inflação com estagnação (economia parada, sem crescimento).